

VU Research Portal

O Garimpo de ouro na sociedade maroon contemporânea no Suriname. Dossiê Caribe
de Theije, M.E.M.; Heemskerk, M

published in
Teoria e Cultura
2014

document version
Publisher's PDF, also known as Version of record

[Link to publication in VU Research Portal](#)

citation for published version (APA)
de Theije, M. E. M., & Heemskerk, M. (2014). O Garimpo de ouro na sociedade maroon contemporânea no Suriname. Dossiê Caribe. *Teoria e Cultura*, 9(2), 33-39.
<http://teoriaecultura.ufjf.emnuvens.com.br/TeoriaeCultura/article/view/2853>

General rights

Copyright and moral rights for the publications made accessible in the public portal are retained by the authors and/or other copyright owners and it is a condition of accessing publications that users recognise and abide by the legal requirements associated with these rights.

- Users may download and print one copy of any publication from the public portal for the purpose of private study or research.
- You may not further distribute the material or use it for any profit-making activity or commercial gain
- You may freely distribute the URL identifying the publication in the public portal ?

Take down policy

If you believe that this document breaches copyright please contact us providing details, and we will remove access to the work immediately and investigate your claim.

E-mail address:
vuresearchportal.ub@vu.nl

O Garimpo de ouro na sociedade *maroon* contemporânea no Suriname¹

Marjo de Theije*
 Marieke Heemskerk**

RESUMO

Mineração de ouro em pequena escala é uma das principais atividades econômicas do Suriname. A maior parte do ouro é encontrada no território dos maroons no interior do país. O território ancestral dos Ndjuka, Aluku, Paamaka, Saamaka e Matawai tornaram-se parte de uma disputada área de mineração. Os maroons “alugam” seu território para forasteiros ou trabalham eles próprios com ouro, como donos de máquinas ou trabalhadores em equipes de outros mineiros. Em todo o território maroon o governo nacional fornece concessões a forasteiros, que podem ou não interferem no movimento das populações locais. A mineração ocasiona mudanças ambivalentes no interior. Esse desenvolvimento aumenta o número de questões que queremos sublinhar aqui. Qual é o impacto da chegada de mineiros estrangeiros na comunidade maroon? O envolvimento maroon na mineração contribui para a perda de sua identidade? Quais são os efeitos da participação direta e indireta na mineração de ouro para a cultura maroon?

Palavras-chave: Suriname. Mineração de ouro. Maroons.

Small scale gold mining in contemporary Suriname maroon society

Abstract

Small scale gold mining is one of the main economic activities in Suriname. Most of the gold is to be found in the territory of Maroons in the hinterland of the country. The ancestral grounds of the Ndyuka, Aluku, Paamaka, Saamaka and Matawai became part of a contested mining area. The Maroons “rent” their territory to outsiders or they work the gold themselves, as machine owners or as workers in the teams of other miners. In the entire Maroon territory, the national government provides concessions to outsiders, who may or may not interfere with the movement of the local population. The gold mining triggers ambivalent changes in the interior. This development raises a number of questions, which we highlight here. What is the impact of the arrival of many foreign gold miners in the Maroon community? Does the involvement of the Maroons in the gold mining contribute to the loss of their Maroon identity? And what are the effects of direct and indirect participation in gold mining for the Maroon culture?

Keywords: Suriname. Gold mining. Maroons.

* Marjo de Theije é professora associada no departamento de Antropologia Social e Cultural da UVA (Universidade de Amsterdã) e líder do projeto GOMIAM, financiado pelo Wotro (CoCooN) no CEDLA, ambos em Amsterdã. É Ph.D. em Ciências Sociais pela Universidade Utrecht (1999) e foi professora visitante na Universidade Federal de Pernambuco em 2001/2002. Trabalhou com religião (transnacional), movimentos sociais e imigração, no Brasil e no Suriname. O projeto GOMIAM tem como foco aspectos culturais, sociais, econômicos e ambientais da mineração em pequena escala na Amazônia. Email: marjo.de.theije@vu.nl

** Marieke Heemskerk é PhD em Antropologia pela Universidade da Flórida (2000), onde defendeu tese sobre os condutores socioeconômicos da mineração em pequena escala no Sella Creek. Desde 2003, trabalha como consultora independente no Suriname, onde fundou sua própria empresa de consultoria Social Solutions, em 2010. Suas áreas de especialização incluem desenvolvimento rural, mineração em pequena escala, saúde pública (HIV/AIDS e Malária) e educação. Além disso, realiza avaliações de impacto social para companhias de mineração. Email: mheemskerk@yahoo.com

INTRODUÇÃO

País vizinho do Brasil, o Suriname vem se tornando recentemente destino de grande número de migrantes do norte do país, principalmente dos estados do Maranhão e do Pará. Esses brasileiros trabalham principalmente no garimpo de ouro e atividades econômicas relacionadas, e começaram a chegar há cerca de vinte anos, após a chamada “guerra do interior” que paralisou grande parte do país entre 1986 e 1992. No início do século XXI, estimava-se em 40.000 o número de brasileiros envolvidos na mineração de ouro no Suriname, o que corresponde a quase 10% da população do país. O grande número de garimpeiros vindos do Brasil é motivo de medo de alguns e também de um ressentimento contra brasileiros, acusados de levar o ouro surinamês para fora do país (THEIJE, 2007)². O domínio dos imigrantes brasileiros na mineração do ouro em pequena escala é visível, e colabora para encobrir a dimensão da atividade para os grupos maroon. Neste artigo, buscamos apontar o importante papel do garimpo para essas populações.

Nas últimas duas décadas, a economia do interior do Suriname tem sido fortemente dominada pela mineração de ouro em pequena escala, de modo particular no sudeste do país, onde está localizado o “cinturão de rochas verdes” (*greenstone belt*)³, onde o minério é abundante (Figura 1). A região mineira é



Figura 1: Localização do cinturão de rochas verdes no Suriname.

ocupada por diversos grupos *maroon*, notadamente *Ndyuka*, *Aluku* e *Paamaka* e, em menor número, *Saamaka* e *Matawai* (Figura 2). Os *Paamaka*, *Matawai*, *Aluku* e *Ndyuka* arrendam suas terras a forasteiros ou as exploram como garimpeiros ou pequenos empreendedores na mineração de ouro. Em todo o território *maroon* o governo fornece concessões para pessoas de fora, que podem ou não interferir na mobilidade da população local.

A mineração de ouro gera transformações controversas e suscita uma série de questionamentos: o envolvimento dos *maroons* na atividade ocasionária a perda de sua identidade? Que influência(s) tem a chegada de garimpeiros estrangeiros nas comunidades *maroon*? Quais os efeitos para a cultura *maroon* da participação, direta e indireta, na mineração de ouro?

O SURINAME E A MINERAÇÃO DE OURO EM PEQUENA ESCALA

No Suriname, a mineração de ouro em pequena escala utiliza técnicas de prospecção e exploração bastante simples. As atividades são realizadas por uma força de trabalho com pouca qualificação e nenhum treinamento profissional, de modo amplamente informal e longe do alcance das instâncias de governo. A imagem romântica do garimpeiro solitário que, com sua bateia, recolhe pepitas de ouro em riachos é, entretanto, obsoleta. Mineiros modernos trabalham em grupos, utilizando o método hidráulico, com motores e bombas, para “afrouxar” o solo e lavar o ouro. Aqueles com mais recursos fazem uso de equipamentos pesados, como escavadeiras e tratores de esteira. Os garimpeiros brasileiros, que introduziram o método hidráulico na região no início da década de 1990, hoje representam cerca de três quartos da população de mineiros de ouro no Suriname. Os demais garimpeiros são, em sua maior parte, *Ndyuka*, *Paamaka* e *Matawai* e habitantes da cidade (não-*maroons*) que muitas vezes executam tarefas especializadas, como a de mecânico ou operador de escavadeira.

De acordo com a lei de mineração do Suriname, o ouro só pode ser explorado mediante concessão emitida pelo Ministério de Recursos Naturais (*Ministerie van Natuurlijke Hulpbronnen/NH*) e o Serviço Geológico de Mineração (*Geologisch Mijnbouwkundige Dienst/GMD*). A obtenção do documento, entretanto, implica no cumprimento de exigências legais (Suriname, 1986), e a maior parte das concessionárias regularizadas são não-*maroon*. Atualmente os direitos desse ‘donos’ de concessão

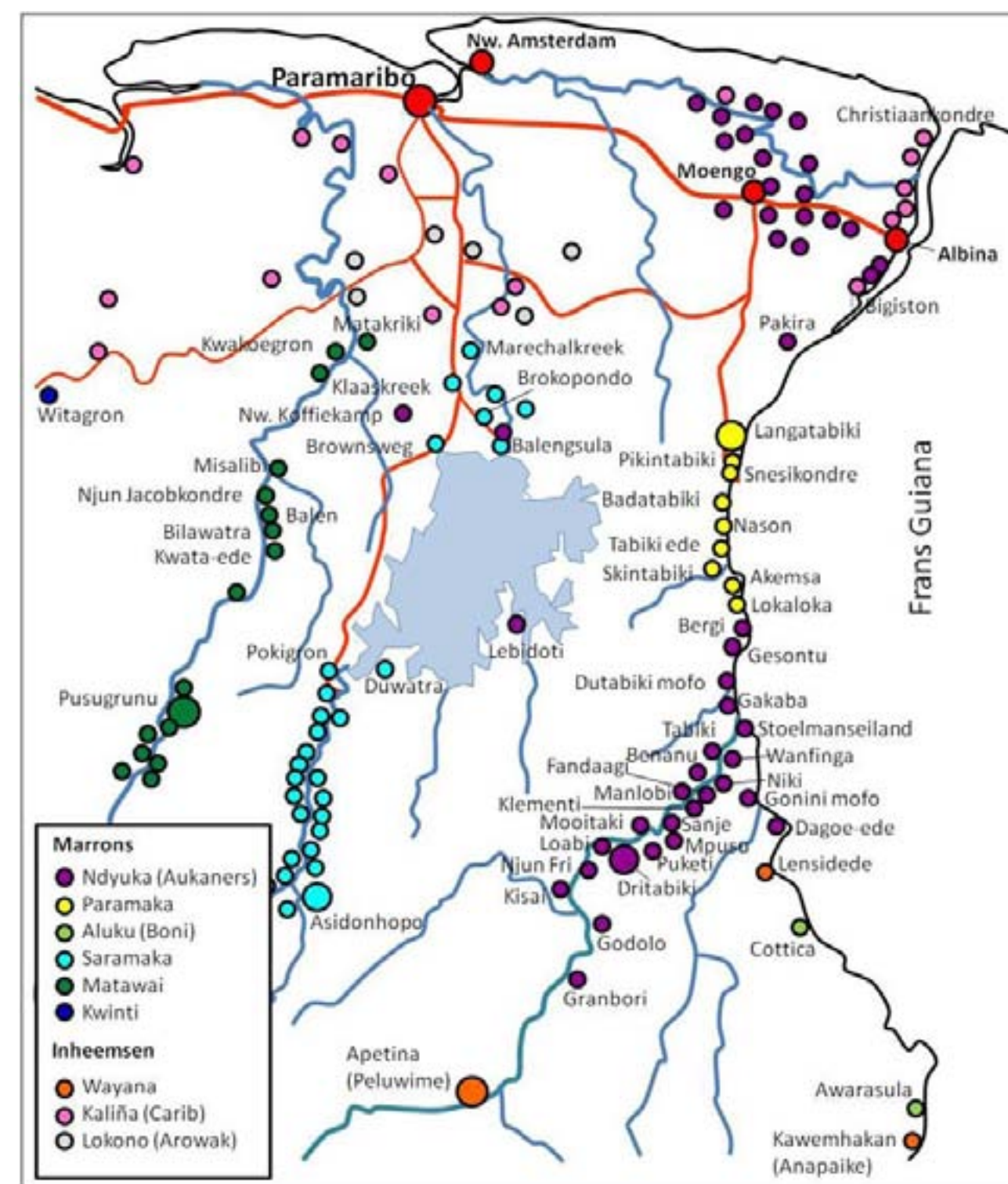


Figura 2: Os diferentes grupos de maroons e indígenas em torno da região do cinturão de rochas verdes (*Greenstone Belt*).

cobrem quase todas as áreas auríferas, ainda que, na prática, eles não sejam diretamente envolvidos na exploração. Geralmente as áreas são arrendadas para pequenos mineiros em troca de 10% da receita. Embora proibida por lei, essa prática é tolerada pelo governo - e em geral ignorada pelas ações da justiça e pela polícia⁴.

A mídia e a opinião pública posicionam-se, de maneira geral, contra os garimpeiros. Uma das principais preocupações relaciona-se ao uso de mercúrio; teme-se que esse mineral tóxico seja

absorvido pelo ecossistema e cause interferência na cadeia alimentar. Aponta-se também a decadência moral e o aumento da criminalidade, atribuídos aos bordéis situados no interior e entorno dos garimpos, nas chamadas “currutelas”. Não pode ser ignorado, por outro lado, o fato de que a mineração constitui a renda de milhares de surinameses, em especial *maroons* com pouca qualificação profissional e sem oportunidades de emprego na cidade. O trabalho no setor de ouro permite também que homens e mulheres sustentem suas famílias e juntem economias

para garantir o futuro. Não é exagero dizer que toda a economia do Suriname oriental está diretamente ligada à mineração de ouro, e que os *maroon* estão envolvidos no garimpo, direta ou indiretamente, pela receita gerada pela atividade. A sobrevivência de pequenos empresários como canoieiros, vendedores de combustível, comerciantes e vendedores ambulantes sujeita-se à demanda dos garimpeiros e da circulação dos rendimentos da mineração nas aldeias.

Não apenas os homens, mas também as mulheres *maroon* dependem do setor de ouro. Proprietárias de máquinas ou minas, comerciantes ambulantes, prostitutas, donas de bordéis, restaurantes ou hotéis no garimpo, muitas dessas mulheres vêm da cidade e são as principais responsáveis pelo sustento de suas famílias.

POR QUE OS MAROONS TRABALHAM NO GARIMPO?

Não é a primeira vez que o território dos *maroons* é invadido por estranhos. Há mais de um século a mineração de ouro é um importante fator econômico na vida dos *maroons*. Nas últimas décadas do século XIX, quando o governo colonial iniciou a exploração do ouro, os quilombolas foram indispensáveis no transporte de máquinas, materiais de construção, trabalhadores e suprimentos para o interior. Por serem os maiores conhecedores da floresta, os *maroons* eram capazes de se descolar entre corredeiras e rochas em rios e riachos (De Beet en Thoden van Velzen 1977; Bilby 1989; Thoden van Velzen 2003). Embora possuam esse conhecimento ainda hoje, enfrentam a concorrência dos índios Uaiana e Tirió e, sobretudo, dos brasileiros, conhecedores do ambiente da floresta amazônica. O transporte entre a cidade e os garimpos também foi parcialmente tomado pelas companhias aéreas *Blue Wing Airlines* e *Gum Air*, que oferecem voos regulares para as principais minas de ouro do interior.

Durante a corrida de ouro das últimas décadas do século XIX e das décadas seguintes, os *maroon* tiveram pouca participação direta no trabalho do garimpo. Na década de 1960, o antropólogo francês Jean-Marcel Hurault havia notado que os *Aluku* consideravam humilhante trabalhar para outras populações no setor de ouro. Sua atuação junto aos garimpeiros vindos de outras regiões⁵ limitava-se, assim, ao transporte e construção civil (Hurault 1965). Nenhum dos *Aluku* e *Ndyuka* que entrevistamos cresceu em garimpos. No máximo, quando crianças, acompanhavam familiares adultos a riachos próximos para batear ouro, atividade ocasional que complementava a renda familiar, mas não constituía sua base.

Hoje, contudo, o garimpo tornou-se a principal fonte de renda para muitas famílias *maroon*. O trabalho de mineração de ouro é pesado traz graves consequências à saúde. Além das muitas horas diárias de trabalho físico sob sol escaldante, os garimpeiros estão também expostos a acidentes e doenças como a malária. Ademais, a renda do garimpo é por natureza incerta: encontrar ou não ouro é sempre uma dúvida, assim como saber se os eventuais lucros compensarão os gastos. A localização dos garimpos nas profundezas da floresta, além disso, impõe aos garimpeiros longa permanência distante das famílias. Apesar de todas essas condições desfavoráveis, os campos de ouro têm atraído massivamente os *maroons* nos últimos dez ou quinze anos. O desenvolvimento do setor de ouro em pequena escala, assim como a participação dos *Ndyuka*, não pode ser dissociado da guerra civil no interior do país (1986-1992). Como resultado da guerra entre o comando da selva (“*junglecommando*”) e o exército nacional, o interior ficou desligado da cidade por muitos anos. A mineração ganhou importância entre os *maroons* sobretudo porque as atividades tradicionais geradoras de renda não podiam mais ser executadas. Além disso, os *junglecommandos* utilizavam a mineração como fonte de renda, no garimpo fluvial com mergulhadores nas balsas⁶ do rio Marowijne. Foi nesse período que, devido a sua experiência e conhecimento técnico avançado, os primeiros garimpeiros brasileiros foram levados para o Suriname. Milhares de novos garimpeiros chegariam logo em seguida, disseminando o uso de tecnologias e métodos de trabalho avançados, o que contribuiria para aumentar a eficiência e lucratividade da mineração de ouro de pequena escala nos anos seguintes à guerra no interior do país.

Outro efeito da guerra no interior foi o fato de praticamente uma geração inteira de *maroons* ter crescido sem educação formal. Quando o conflito eclodiu, jovens que freqüentavam escolas na cidade e passavam o período de férias no interior do país ficaram impossibilitados de retornar à capital e buscaram ocupação nos campos de ouro do interior, onde a maior parte das escolas fechou suas portas.⁷ Outros cruzaram a fronteira com a Guiana Francesa, passando a viver em campos de refugiados onde faltavam educação e trabalho no período que se seguiu ao conflito. A falta de escolaridade e o baixo conhecimento da língua holandesa pelos jovens *maroons* dificultaram o acesso a emprego em Paramaribo após o final da guerra.

Foi difícil para os *maroons* encontrarem seu espaço em uma sociedade urbanizada depois da guerra. O regime militar criou e disseminou uma imagem dos

maroons como primitivos e agressivos, o que lhes valeu uma posição marginal na cidade, em contraste com o interior, onde têm uma imagem positiva. Atualmente, os *maroons* residentes na cidade estão em processo de valorização de sua identidade étnica e cidadania. A localização das reservas de ouro do Suriname nos territórios ancestrais *maroon* favorece a consciência histórica e a autoconfiança desses homens e mulheres, que agora exigem sua parte na riqueza e prosperidade do Suriname.

OURO NA CULTURA MAROON CONTEMPORÂNEA

O trabalho no garimpo é bastante atraente: não são necessários diploma, conexões ou capital inicial, mas outros requisitos, como o direito consuetudinário da matrilinearidade à parte do território tribal, ou, de maneira mais ampla, o acesso ao território tradicional *maroon*. Além disso, o empreendedorismo no setor informal é valorizado na cultura *maroon* como expressão da liberdade e individualidade.

O trabalho nos campos de ouro e a presença de mineiros estrangeiros têm impacto na cultura *maroon*. O fato de trabalharem frequentemente com garimpeiros vindos do Brasil provoca a incorporação de diversos elementos culturais. A admiração pelo conhecimento dos brasileiros sobre o ouro e o fato de a cultura *maroon* ser adaptativa certamente têm papel importante. Muitos *maroons* falam um pouco do português do Brasil, apreciam seu futebol e a música “brega” paraense tocadas nos bares, assistem programação televisiva brasileira captada por antena parabólica e comem o que as cozinheiras brasileiras lhes preparam. Recentemente têm nascido crianças das relações amorosas entre *maroons* e brasileiros.

Nas localidades em que os campos de ouro ficam perto das aldeias *maroon*, por vezes surgem problemas - seja porque a mineração de ouro impede o caminho para as roças, seja porque as mulheres se sentem intimidadas por homens estranhos em seu ambiente. Não é incomum que, em um vilarejo ou grande área residencial, surjam discordâncias sobre a presença de garimpeiros no território, bem como sobre sua quantidade e as atividades que podem executar. O curso inferior do rio *Tapanahoni* é um exemplo de intensa resistência contra alguns bordéis localizados próximos à aldeia *Manlobi*. Algumas vezes há disputa sobre o dinheiro (ou ouro) que as autoridades locais cobram dos garimpeiros, mas que nem sempre é posto à disposição da comunidade. Na comunidade *Ndyuka* houve grande comoção

quando, em abril de 2009, o *gaanman* - a autoridade suprema do grupo étnico - Matodja Gazon buscou ajuda do governo para remover diversas embarcações de um empreendedor francês do rio *Ndyuka-kreek*. Esse rio é considerado um lugar sagrado, e nele são realizados importantes rituais tribais. A ira do *gaanman* foi grande quando descobriu que alguns *kabiten* - chefes de aldeia - tinham assinado um acordo com o empresário e recebido ouro em troca de sua cooperação. Desenham-se, com isso, os contornos da decadência das autoridades tradicionais nos grupos *maroon*. Este processo refletiu-se nas diversas reações ao garimpo, a partir das quais os *maroons* foram obrigados a pensar sobre os seus direitos consuetudinários e legais à terra e ligação com o território tradicional, a aldeia e o grupo familiar, fundamentais para a identidade *maroon*.

Nos vilarejos, o dinheiro desempenha um papel cada vez mais importante. Se por um lado homens que trabalham no garimpo ganham relativamente bem, por outro têm muito pouco tempo para investir em artesanato tradicional. Se anteriormente os homens confeccionavam elaborados trabalhos em talha para suas esposas, agora elas costumam ser presenteadas com joias e artigos de luxo da cidade. Se antes esperava-se que o homem abrisse uma clareira e construísse uma casa para sua esposa, hoje, devido ao trabalho nos campos de ouro, é possível que alguém seja contratado para o serviço. Além disso, roupas, materiais de construção e outros bens de consumo têm chegado aos vilarejos. Não se trata mais de uma cultura autossustentável.

Por outro lado, a mineração ajudou a cultura *maroon* a perpetuar sua existência no interior. O emprego nos campos de ouro faz com que muitos jovens *maroons* permaneçam em seu território, e tem atraído de volta ao interior muitos outros que cresceram na cidade. A disponibilidade de trabalho para os homens, tradicionalmente responsáveis pela família, contribui para a permanência de esposas e filhos nos territórios tradicionais. As mulheres são, agora mais do que nunca, as guardiãs da sobrevivência das comunidades *maroon*. Se por um lado elas acolhem as conveniências da vida moderna, por outro criam seus filhos dentro dos valores de sua cultura. Desta maneira garantem que a língua própria, o respeito pelos anciãos e autoridades tradicionais, as regras da vida de acordo com padrões tradicionais de gênero e os conhecimentos da floresta não sejam perdidos. Nos campos de ouro, são os homens que ensinam os valores *maroon* aos que vêm da cidade e, assim, a tradição torna-se relativamente flexível. Os *maroons* da cidade retornam ao interior

para conseguir ouro e aprender sobre seu próprio passado. No *Lawa* e no *Tapanahoni*, encontram-se, novamente, mais próximos de sua cultura tradicional.

CONCLUSÃO: A MINERAÇÃO FORTALECE A IDENTIDADE MAROON

A mineração de ouro em pequena escala representa mais um ganho para a cultura *maroon* do que uma ameaça, ao menos a curto prazo. Primeiramente, os empregos gerados pelo ouro no interior, direta ou indiretamente, fornecem sustento e permitem que mais pessoas vivam nos vilarejos. Além disso, incentivam o retorno de *maroons* da cidade para o interior. Em segundo lugar, esses empregos estão explicitamente ligados ao território dos *maroons*, onde, pelo menos de acordo com suas leis tradicionais e sua cultura, eles têm direitos. Desse modo, a consciência e a ligação dos *maroons* com seu território tradicional é fortalecida. Contribui para isso, possivelmente, o fato de haver mais contato com a cidade e de os *maroons* inseridos na mineração serem mais conscientes da importância dos direitos à terra. Com o uso de meios modernos, os *maroons* querem agora fazer valer seus direitos em seu território ancestral, tanto em casos maiores como o da ação levada à Corte Interamericana pelos *Saamaka*, quanto em pequenos como o do *gaanman* Gazon, que intimidou e expulsou os mineradores das águas sagradas do *Ndyuka-Kreek*. Esses casos trazem grandes mudanças, mas também fortalecem a identidade *maroon*, levando-a, inclusive, para aqueles que residem na cidade e haviam se afastado de suas raízes.

REFERÊNCIAS

BEET, Chris de, THODEN VAN VELZEN, H.U.E.. Bush Negro Prophetic Movements: Religions of Despair? Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde, v. 133, n. 1, p. 100-135, 1977.

BILBY, Kenneth M. Divided Loyalties: Local Politics and the Play of States among the Aluku. New West Indian Guide / Nieuwe West-Indische Gids, v. 63, n. 3-4, p. 143-173, 1989.

GUIMARÃES, Thiago. Ataque expõe focos isolados de tensão, afirma antropóloga. Folha de São Paulo, 29 dez. 2009.

HURAUULT, Jean. La Vie Matérielle Des Noirs Réfugiés Boni Et Des Indiens Wayana Du Haut-Maroni (Guyane Française). Agriculture, Économie et Habitat. Paris : ORSTOM, 1965.

STIPRIAAN, Alex van, Polimé, Thomas (eds.). Kunst van overleven. Marroncultuur uit Suriname. Amsterdam: KIT Publishers, 2009.

THEIJE, Marjo de. De Brazilianen Stelen Al Ons Goud!. OSO, Tijdschrift voor Surinamistiek en het Caraïbisch Gebied, v. 26, n. 1, 2007, p. 81-99.

THEIJE, Marjo de. Análise: Insulamento Pesa Contra Brasileiros. Folha de São Paulo, 3 jan. 2010.

THODEN VAN VELZEN, H.U.E. Een Koloniaal Drama. De Grote Staking Van De Marron Vruchtvaarders, 1921. Amsterdam & Utrecht: Rozenberg Publishers & IBS, 2003.

NOTAS

1 Este artigo é uma versão adaptada do texto publicado no livro Kunst van overleven, *Marroncultuur uit Suriname* (Arte de sobreviver, cultura quilombola de Suriname), organizado por Alex van Stipriaan e Thomas Polimé, na ocasião da exposição do mesmo nome no *Tropenmuseum* em Amsterdam em 2009. A tradução é de Thiago Niemeyer, a quem as autoras agradecem.

2 Em 2009 ocorreu um confronto grave entre *maroons* e brasileiros em *Papatam* (Albina) (Ver GUIMARÃES, 2009 e DE THEIJE, 2010). Em geral, os migrantes e a população local convivem pacificamente.

3 Os cinturões de rochas verdes são uma presença geológica onde se encontre grande parte de depósitos minerais do mundo, principalmente de ouro. No Brasil, importantes áreas de exploração aurífera, por exemplo em Goiás e Minas Gerais.

4 Em 2008, a polícia de Suriname, em colaboração com o Exército e a Receita, realizou operações denominadas *Clean Sweep*, com o objetivo de combater a ilegalidade no garimpo. Donos de empresas do setor de mineração foram multados por sonegação (não comprovada) de impostos, e proprietários de estabelecimentos comerciais de origem chinesa, brasileira e surinamesa tiveram suas mercadorias confiscadas. Após tais operações, foram concedidos prazos para solicitação de licenças na capital do país. Menos de três anos depois (em 2011), o novo governo criou novas exigências para as áreas de garimpo e installou uma comissão para Ordenação do Setor de Ouro (OGS) com o objetivo de legalizar os garimpeiros, integra-los na economia formal e cobrar imposto de renda (<http://www.gov.sr/sr/kabinet-van-de-president/werkgroepen/ordening-goudsector.aspx>) Até esta data (2014), as medidas não geraram grandes repercussões para a maioria dos pequenos mineiros.

5 Os garimpeiros eram migrantes do Caribe, principalmente das ilhas Santa Lucia e Barbados, e em menor número, de Martinica e Guiana.

6 Uma balsa é uma embarcação sobre as quais são instalados os equipamentos de mineração (bombas, caixa).

7 Duas décadas depois do final da guerra, o sistema educacional não foi restaurado em todo o país.